

DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS: UMA REFLEXÃO PARA A PRÁTICA ASSISTENCIAL



Andréia Luciana dos Santos Silva

Enfermeira da Atenção Básica do município de São Paulo. Especialista em Saúde Coletiva (UNIFESP). Especialista em Saúde da Família (UNIFESP/SANTA CASA).

As doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) são multifatoriais e tendem ser de longa duração. Dentre elas estão as doenças cardiovasculares, câncer, diabetes, doenças respiratórias crônicas e transtornos mentais, são patologias que resultam da combinação de fatores genéticos, fisiológicos, ambientais e comportamentais. Trata-se de um conjunto de doenças que comprometem a qualidade de vida dos doentes por possibilitar sequelas, além de causar forte impacto social e altos custos ao sistema de saúde.

Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) mostram que 70% da população mundial morre em decorrência das DCNT, sendo a maior representatividade de países de média e baixa renda. As populações mais pobres são mais vulneráveis por maior exposição aos riscos (inatividade física, tabagismo, uso prejudicial do álcool e dietas não saudáveis) além do menor acesso aos serviços de saúde e as práticas de promoção da saúde e prevenção de doenças.

No Brasil, as DCNTs correspondem a 72% das causas de morte. Além disso, dados da Pesquisa Nacional de Saúde — PNS (2013) mostram que mais de 45% da população adulta — 54 milhões de indivíduos — relata pelo menos uma DCNT.

A evidência das DCNTs reflete alguns efeitos negativos do processo de globalização, da urbanização rápida, da vida sedentária

e da alimentação com alto teor calórico, além do consumo do tabaco e do álcool. Tais fatores de risco comportamentais impactam nos principais fatores de risco metabólicos, como excesso de peso/obesidade, pressão arterial elevada, aumento da glicose sanguínea, lipídios e colesterol, possíveis de resultar em diabetes, doenças cardiovasculares, acidente vascular encefálico (AVE) e câncer, entre outras enfermidades.

No ano de 2011 líderes mundiais discutem sobre o impacto das DCNTs e definem ações para seu enfrentamento na Assembleia da Organização Nações Unidas (ONU). Em 2013, a Assembleia Mundial da Saúde define um quadro abrangente de monitoramento global com 25 indicadores e nove metas voluntárias globais para 2025, além de aprovar o Plano de Prevenção e Controle de Doenças Não Transmissíveis 2013-2020.

Dentre os indicadores a serem monitorados tem-se a redução da mortalidade por DCNT em 25%, a redução dos fatores de risco (tabaco, álcool, sal, inatividade física) e o acesso a medicamentos, o acesso à assistência (consultas médicas, cuidados na atenção primária, acesso a medicamentos, testes de laboratório, prática clínica).

O enfrentamento dos fatores de risco para o desenvolvimento das DCNTs torna-se essencial para o controle a longo prazo do número de doentes e para o planejamento e otimização do uso de equipamentos e

manejo de vagas no sistema de saúde.

A reorganização das práticas na Atenção Primária a Saúde (APS) é uma das principais metas no Brasil para o controle das DCNTs. Neste contexto de promoção da saúde e prevenção de doenças, as práticas da APS veem de encontro com a instrumentalização dos usuários dos serviços para mudanças de comportamentos, além de incentivar o autocuidado.

A elaboração de Políticas Públicas torna-se essencial para o fortalecimento de hábitos saudáveis e facilitadora de novos comportamentos. A exemplo temos a significativa redução do tabagismo no Brasil nos últimos 30 anos, após a proibição do fumo em determinados locais e, principalmente, a veiculação de propagandas. O controle das DCNT evidencia a necessidade de novos comportamentos individuais e coletivos, mas também, a construção de Políticas Públicas que contemplem as mudanças da sociedade moderna, fortalecendo o Sistema Único de Saúde (SUS) oferecendo atendimento de qualidade.

Finalizo trazendo a reflexão os 30 anos do Sistema Único de Saúde (SUS), que retrata importante transição demográfica e epidemiológica do país oscilando de um quadro de mortalidade infantil decorrente, principalmente de desnutrição, a uma realidade de obesidade, sedentarismo e altas taxas de mortalidade por DCNT. ■